

Diversidade faz a cara do IPA, à noite

Entre luzes, cores e movimento, pessoas compartilham sem discriminação de credos, estilos comportamentais e situações especiais

**Kizzy Borges e
Luís Bustamante**

A diversidade do público que circula pelo campus do Centro Universitário IPA, à noite, é uma característica marcante dessa instituição. Isso a coloca numa saudável contraposição a outros centros onde, ainda, são visíveis a diferenciação e a discriminação. Numa demonstração nítida de que o processo de inclusão veio para ficar, os estudantes compartilham, cada vez mais, os seus diversos estilos, idades, etnias e situações especiais.

Nove da noite, intervalo das aulas na Praça de Alimentação do Centro Universitário IPA. O momento e o lugar mais apropriados para se ter uma dimensão do público que estuda ou trabalha no campus: jovens, ainda adolescentes, homens e mulheres com mais de 50 anos compõem a ampla faixa etária da população local, onde convivem, com naturalidade, negros, brancos, índios e asiáticos. Onde se inserem, sem discriminação, pessoas de todos os credos, de diversos estilos comportamentais e em situações especiais, como as pessoas portadoras de deficiências. Até o retorno ao próximo período de au-

Kizzy Borges



Grace estuda Pedagogia



Estudantes compartilham cada vez mais em seus diversos estilos, idades, etnias e situações especiais

la, as mesas e balcões da Praça serão compartilhados por gente que veste do jeans surrado ao terno alinhado e se identifica por símbolos que vão do *piercing* à gravata mais sóbria.

A diversidade, contudo, não é uma ocorrência casual no âmbito do IPA ou das outras unidades que compõem a Rede Metodista de Educação do Sul. Faz parte de uma postura pluralista e democrática que a Instituição entende como essencial para atuar no campo da Educação, assim justificada no espaço das “Cátedras de Gênero e de Direitos Humanos”, no portal da Rede, ao abordar a questão da diferença entre gêneros masculino e feminino: “não existem razões biológicas ou naturais que determinem e justifiquem diferenças sociais, econômicas, culturais e de poder entre homens e mulheres”.

Numa perspectiva mais ampla, pode-se perceber aqui o engajamento do IPA na preconizada aldeia global, agora possível com a nova era de navegações, inaugurada pela Internet.

Os alunos têm uma visão bastante positiva do fenômeno da diversidade, com a inclusão não apenas de adolescentes nos cursos noturnos, mas, também, de adultos muitas vezes com as idades de seus pais – como é o caso do estudante de Direito, Marcelo Marques –, colegas com deficiências físicas, estrangeiros, com quem dividem as salas de aula e trocam experiências, sem discriminar cor da pele, condição social, hábitos culturais, proce-

dência e opção sexual.

Essa visão positiva é confirmada com o depoimento da aluna do Curso de Pedagogia, Grace Taismara Canto: “O IPA é a única universidade que possibilita o acesso dos mais diferentes tipos étnicos e sociais, portanto, os alunos do IPA tendem cada vez mais a se parecer com a cara da universidade brasileira”.

A cara do IPA à noite, cheia de luzes, cores, movimento, é um universo de diferenças, que, por serem assim respeitadas, conduzem a um dos mais sonhados ideais da Humanidade: a convivência pacífica das diferenças.

Luís Bustamante



Marcilo Marques estuda Direito

Fotos: Fabiana Gomes e Luís Bustamante

Inclusão é realidade no IPA

Para isso, a instituição recebe, também, apoio de programa de bolsas

Karen Vidaleti e Sandra Costa

No Centro Universitário Metodista IPA é possível observar que a inclusão social é uma realidade. Negros, brancos, índios e pessoas portadoras de deficiência (PPD's) compõem tanto o núcleo estudantil – alguns deles participantes do projeto de inclusão Bolsa de Estudos Carência – quanto o quadro de funcionários do local.

O estudante Eduardo Purper, 21 anos, está cada vez mais próximo do sonho de ser jornalista. PPD devido à uma paralisia cerebral que afetou a sua visão e coordenação motora, ele utiliza uma cadeira de rodas e conta com toda a ajuda possível dos colegas. Escreveu um livro intitulado “Purper é gol” e pretende trabalhar com Jornalismo Esportivo. Purper tem suas provas adaptadas, geralmente, são orais ou *on-line*, mas afirma que a acessibilidade, ainda, é o seu maior problema.

“Na Biblioteca Central tem uma porta que dá acesso ao prédio B. Eu não tenho uma chave, então, tenho que esperar até que alguém possa vir (o funcionário precisa deixar a recepção) e abrir para mim. O estacionamento e os banheiros do Dona Leonor (campus) não são adaptados”, desabafa.

Assim como Purper, o auxiliar administrativo da Central de Atendimento ao Estudante (CAE) Francisco Souza, 43, também PPD, mantém ótima relação com os colegas. Sobre mudanças na estrutura do IPA, para melhor atender aos PPD's, Souza falou da instalação de elevadores.

“O Banco Real, que antes funcionava no prédio H, recebeu uma nova sala e hoje está financiando a colocação de elevadores, con-



Amélia Ricciolini

Francisco Souza, da CAE, falou sobre modificações na estrutura do IPA

fessos que não sei ao certo em que prédio. Mas o G já possui um especial para cadeira de rodas”.

Do mesmo modo que os entrevistados anteriores, a segurança Marta Pedroso, 33, diz nunca ter presenciado nenhum tipo de tratamento preconceituoso e que os PPD's que precisam de ajuda, recebem a orientação necessária.

“Em nosso curso de segurança recebemos treinamento para auxiliar pessoas com necessidades especiais e ao ingressar aqui, também, fomos orientados”, explica.

Proprietários de veículos escolares afirmam que é raro o transporte de alunos com casos especiais, pois trata-se de situações muito delicadas, em certos casos é preciso levá-los até a porta de casa, mesmo assim alguns, ainda, transportam PPD's no horário da manhã.

Em relação a programas de inclusão, a instituição realiza o Bolsa de Estudos Carência, que é responsável pela formatura dos primeiros índios Kaingangs Claudemir Kasin Vaz e Janaína Vaz em Terapia Ocupacional e Educação Física, respectivamente, em dezembro de 2006.

O programa ainda trabalha com afrodescendentes, a Fundação da Brigada Militar, a Ong Aids e o Presídio Madre Pelletier, onde funcionários e apenas são beneficiados cursando Serviço Social, cujas aulas são ministradas no local.

Além de atender a funcionários, estrangeiros e alunos individuais com bolsas de 50%, entre outros, o que faz com que do total de estudantes 34% recebam algum tipo de bolsa.

BOLSAS - 2006/02			
DEMANDA	TOTAL	TOTAL %	GERAL
PROUNI	100%	741	741
AFRO	100%	260	585
INDÍGENA	100%	11	
CAMPESINA	100%	31	
EDUC. POP.	100%	13	
FUNCIÓNÁRIO	100%	107	
IGREJA	100%	52	
FUND. BRIG. MIL.	100%	51	
MADRE PEL.	100%	41	
EX. FUNCION.	100%	3	
FÓRUM AIDS	100%	16	
INDIVIDUAL	50%	1201	1201
FIES			
Financiamento	60	84	
CREDIPA			
Financiamento	24		
TOTAL	2611		2611

Fonte: Setor de Bolsas do IPA

IPA - Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Laan Mendes de Barros - Vice-presidente: Nelson Custódio Fer

Secretário: João Fernando de Andrade Morbini

Conselheiros: Márcia Flori Maciel de Oliveira Canan, Ricardo Hidetoshi Watanabe e Vilmar Pontes Fonseca

Centro Universitário Metodista IPA

Reitora

Adriana Menelli de Oliveira

Pró-reitor Acadêmico

Francisco Cetrulo Neto

Pró-reitor Administrativo

Marcelo Jorge Sonneborn

Jornal elaborado pelos(as) estudantes do curso de Jornalismo do Centro Universitário Metodista IPA

DISCIPLINAS

Produção e Planejamento Gráfico e Editorial I, Projeto Experimental I, Técnicas de Entrevista e Reportagem, Redação e Expressão Oral I e Fotografia

Curso de Comunicação - Jornalismo

COORDENAÇÃO DE JORNALISMO

Laura Glüer

PROFESSORES(AS)

Ana Paula Megiolaro, Francisco José Lima, José Peixe, Léo Nunes, Lisete Ghiggi, Maria Cristina Vinas, Maricéia Benetti e Valéria Deluca

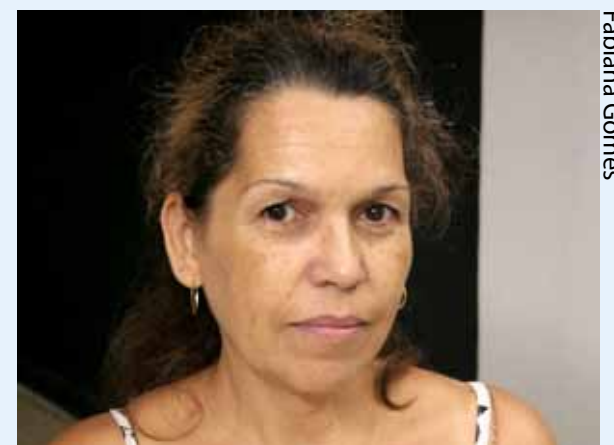
REPORTAGEM E EDITORAÇÃO

Amélia Ricciolini, Fabiana Gomes, Karen Vidaleti, Kizzy Martins Borges, Luís Bustamante e Sandra M. S. Costa

Quebrando paradigma

Amelia Riccioline e Fabiana Gomes

O perfil dos alunos do IPA está classificado entre estudantes de classe média baixa e classe média alta, sendo que aproximadamente 70% está entre 17 a 20 anos e o restante fica entre 30 a 60. Felipe Teixeira é um adolescente de 16 anos que cursa Publicidade e Propaganda e sua energia é percebida pelo entusiasmo com que se refere ao turno da noite. Verene Neibert, 51, que cursa Ciências Contábeis, fala que está retomando um sonho de 25 anos, pois agora os seus filhos estão criados e sente a necessidade de uma formação. Sente-se feliz e orgulhosa e fala, ainda, que nunca devemos abandonar um sonho. E, que a convivência com pessoas mais jovens está oxigenando as suas idéias e possibilitando muita troca de informações, quebrando paradigma.



Fabiana Gomes

Contábeis: retomando um sonho de 25 anos



Amelia Riccioline

O entusiasmo do jovem estudante de PP